

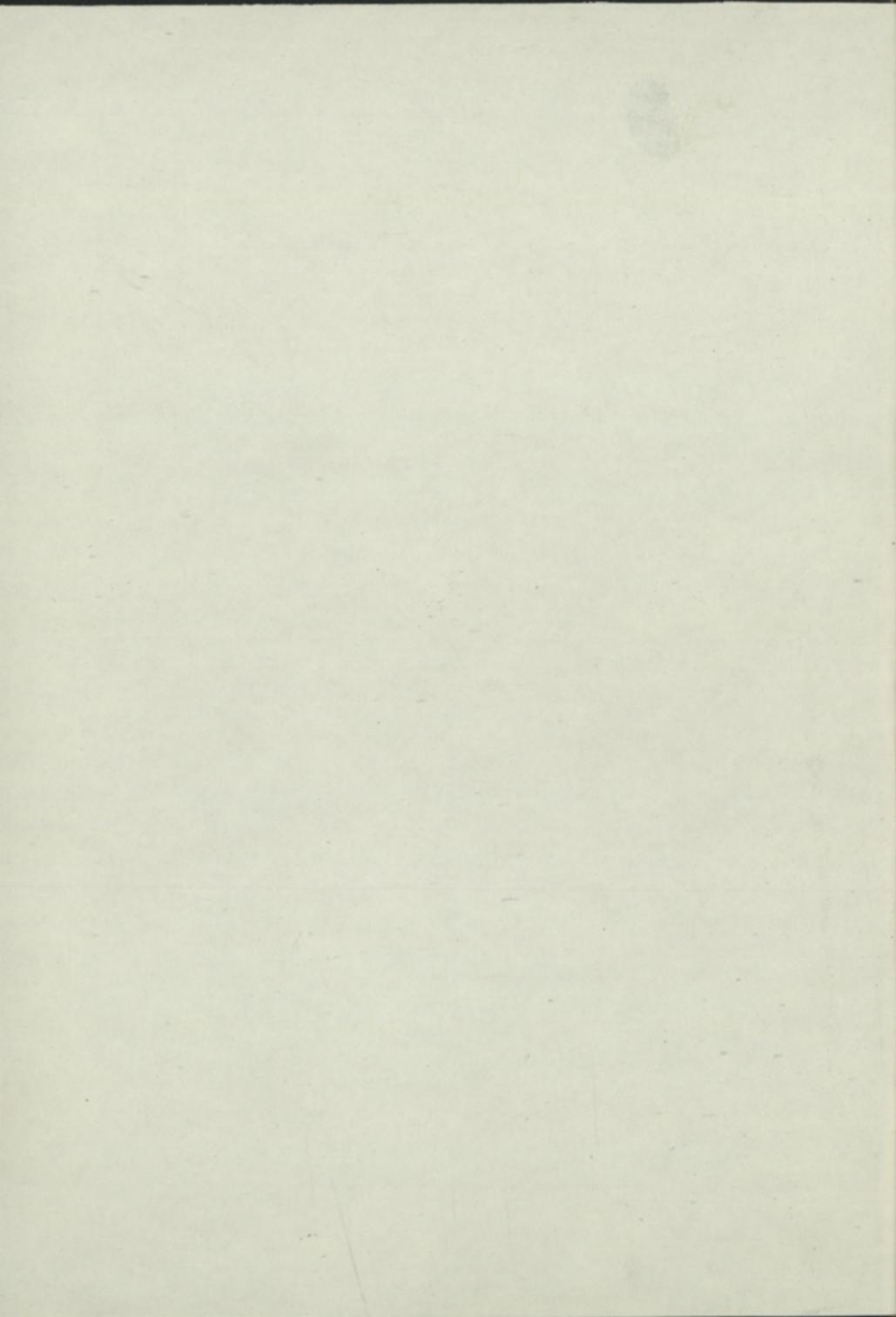
E. DE QUEIROZ — B. PATO

# Satyras e Epistola

in octavo

LISBOA

1839



E. DE QUEIROZ—B. PATO

# Satyras e Epistola

*(A PROPOSITO DOS MALAS)*



LISBOA  
1889

L. DE QUEIROZ—R. PATO

# Satyras e Epistolas

de Francisco de Sá e Benevides



LITTA

170

E. ANTONIOZ - R. PATO

# Satyras e Epistola

SATYRAS E EPISTOLA

LISBOA

1889

SATTYRAS E EPISTOLA

E. DE QUEIROZ—B. PATO

# Satyras e Epistola

(A PROPOSITO DOS MAIAS)



LISBOA

1889

4  
09669

INCORPORAÇÃO

E. DE QUEL...  
330656

821

Satyras e Epistolas

(A PROPOSTA DOS NIANB)



LISBOA

1889

1060466

# O GRANDE MAIA

Á ÚLTIMA HORA

---

Com que então também tu te voltas para cá,  
Ladino empolgador dos cobres do Zolá!  
Bázilio fanfarrão! — Proclama as tuas glórias  
Co'a prima... no papel, porque no mais... *historias!*

Realista ideal, o sexo feminino  
Deu-te na balda ha muito, e troca-te, menino.  
Deixa para o Zolá o *documento humano*,  
Que n'essa erudição não passas d'um profano.

Maganão! Nunca vi quem fosse tão ingrato!  
Em tempos procurei fazel-o a um certo trato.  
Tinha um sabôr montez, uns geitos de furão,  
Como inda agora tem, quando entra 'num salão.

Quem quizer apreciar como lhe dava o faro  
Do mimo, da elegancia, acuda ao *Padre Amaro!*



Punha a faca na bocca! Um dia, n'um jantar,  
 Se lhe não tenho mão, cortava a jugular!  
 No resto inoffensivo, e grande entendimento;  
 Mas em coisas d'*élite* o typo d'um choquento.

Nunca poude caçar — e com tamanha pratica! —  
 Nem visos de bom ar, nem sombras de grammatica!  
 Pois tem o Victorino, um famulo Aristarcho,  
 Que ha de ser no futuro, um dia, o seu Plutarcho!

\*

\* \*

Veiu o romance, emfim! Eis o famoso estudo!  
 Com Ponson du Terrail o contubernio em tudo!  
 A critica o dirá. Pompeia manifesto  
 Todo o velho arsenal! Até nem falta o incesto!

Mas na linguagem... Sim — campa como o primeiro,  
 Portuguez a valer... na bocca d'extrangeiro!

Dez annos chafurdou n'aquella palhaçada,  
 Trabalho capital de *genio* e de massada!

Eu trato *como irmãs* as minhas conhecidas:  
 Às suas elle não — trata-as como perdidas!  
 Conheço paes e avós: — elle, com o seu monóculo,  
 Conhece a sociedade, ha dias, por um oculo!

Tambem me chama pobre! A *affronta* da pobreza —  
 Até por elle proprio — encheu-me de tristeza!...  
 Nos fumos da philaucia, em summa, o coitadito,  
 Já começa a bailar na dança de S. Vito!

Vinte annos lhe apertei cordealmente a mão.  
 Suppuz que era um amigo. E morde-me, o vilão!  
 Obriga-me, cachorro, a rebaixar o estylo!  
 Mas que lhe hei de eu fazer, tratando-se d'aquillo!

\*

\*

\*

Fraldiqueiro saltão, tu dizes ás inglezas  
 O que dizes no livro ás nossas portuguezas?  
 Que te agradeça a patria, honrado consular,  
 O brilho que tu dás á fama do teu lar!

Das brumas d'Inglaterra, ó bravo patriota,  
 Brindas o teu paiz, chamando-lhe idiota!

Qualquer homem de bem, na justa indignaçõo,  
 Ou censura ou castiga os vicios da nação.  
 Mas D. Bazilio... Não — digo — ao Primo Bazilio  
 Cheiram-lhe as podridões a flôres d'um idyllio!

Cigarra de vaidade, o escrevedor colosso,  
 Rilhando portuguez, como um cão rilha um osso,  
 Sae-se agora a cantar-me em chocarreiras lendas!...  
 Vá cantar para a Sé, que lhe não faltam prendas.

\*

\* \*

Basta de gracejar. Escuta, miseravel:  
Contra o meu coração, vou ser inexoravel.

Vens de Bristol aqui para te banquetear  
Nas casas que, *escrevendo*, ousaste calumniar!  
E á irmã, e aos dois irmãos, deixaste-os morrer,  
Sem que, na despedida, os tres podessem vêr  
O braço do seu berço, o irmão, a sua gloria!

Deu-te a infamia o porvir!... Tens um lugar na historia!

Agosto 2, 1888.

A

## CARLOS LOBO D'AVILA.

---

*Meu caro Carlos.* — Se ahi no *Tempo* ha bastante espaço para que um homem de letras desfaça publicamente uma lenda que foi enxertada sobre a sua obra, e que d'ella continua a viver, conceda v. a estas tiras de papel o agasalho que ellas só merecem pela sinceridade e veracidade de que vão repassadas.

\*

\* \* \*

Esta manhã, recebi um jornal do Rio de Janeiro, o *Paiz*, onde destacava um artigo de Pinheiro Chagas, (sempre este homem fatal!) cujo titulo — *Bulhão Pato e Eça de Queiroz* — logo me causou confusão e assombro! Imaginei ao principio que se

tratava d'um d'esses Parallelos Litterarios, dados outr'ora como themas nas aulas de rhetorica, e em que se comparava, com sonora fecundia, o genio de Cesar ao genio de Pompeu, as virtudes de Catão ás virtudes de Seneca... Mas não! O artigo de Pinheiro Chagas versava sobre factos, — factos bem definidos, authenticados, com um ar solido de pedaços de Historia, que deram ao meu assombro e confusão, já grandes, uma intensidade quasi dolorosa. Era um artigo condemnando com a maxima rapidez certa injuria que eu em prosa fizera a Bulhão Pato — e celebrando em periodos que se babavam de admiração e ternura, certa desforra que Bulhão Pato tomara em verso.

A minha injuria consistira em *caricaturar* Bulhão Pato nos *Maias*, sob os bigodes e os rasgos de Thomaz d'Alencar, e a desforra de Bulhão Pato fôra correr á sua grande lyra, e lançar contra mim uma grande Satyra! Taes se me apresentaram os factos. E perante elles o meu assombro e confusão provinham de que, n'esta fria manhã de janeiro do anno da graça de 1889, antes de ler o *Paiz* — eu ainda ignorava totalmente a offensa contra o sympathico auctor da *Paqueta* e o castigo retumbante que recebera do auctor cruel d'essa andaluza.

Talvez pareça pouco natural, sobre tudo áquelles para quem a casa Havaneza e o café Martinho formam os confins do mundo, que eu não conhecesse um feito litterario, tão consideravel, de tão largo echo como a Satyra.

*A existencia d'essa peça poetica, com effeito, não me era completamente alheia. Já aqui, em Paris, alguém um dia me fallara d'ella rindo: — mas d'essas galhofeiras palavras, trocadas á pressa, no rumor da rua, deprehendi que era uma Satyra litteraria, impessoal, continuando um conflicto de Escolas, pairando nas generalisações estheticas, — uma Satyra em que o nosso Pato, na provinciana e academica supposição que em arte ha duas grandes phalanges com duas grandes bandeiras, a dos Romanticos e a dos Naturalistas, vinha uma vez mais, paladino da Alma, arremessar o seu dardo de oiro contra a soldadesca da Materia.*

Que ella fosse uma Satyra pessoal, *directa e crudelissima*, como diz Pinheiro Chagas, atacando sem duvida os meus costumes, os meus principios, a minha moral, a minha vida — issó só hoje, n'esta fria manhã de janeiro, o vim a saber pelo artigo do *Paiz* tão sentido e fremente!

Só hoje, atravez das amargas reprehensões de Chagas, vim a saber que a Satyra me fôra vibrada pelo auctor da *Paqueta* em desforra, em ostentosa e berrante desforra de eu o ter encarnado na pessoa de Thomaz de Alencar! E apenas recebi de chofre estas revelações, murmurei commigo, sem hesitar, immensamente divertido e immensamente contente: — «Ainda bem! O que o nosso Pato gosou em se imaginar retratado nos *Maias*».

\*

\* \*

«Ser retratado» n'um romance ou n'uma comedia constitue ha muito, como v. sabe, caro amigo, a mais decisiva evidencia de celebridade. Desde Aristophanes que põe Sócrates em scena nas *Nuvens*, — até Pailleron que retrata Caro no *Monde ou l'on s'ennuie*, sempre a personificação d'um contemporaneo apparece como a definitiva consagração da sua importancia na Sociedade, na Politica ou nas Lettras.

Logo que Sainte-Beuve sobe a Pontifice da critica, Balzac passa a represental-o atravez da Comedia Humana, com tenaz e leonina ironia.

Apenas Gambetta se affirma como o homem providencial da Terceira Republica — logo Sardou o reproduz, sobre o palco, no fanfarrão *Rabagas*. A celebridade do marquez de Bute em Inglaterra leva Lord Beasconfield a dedicar-lhe todo um romance, *Lothair*. E, não podendo dar um livro a cada um dos dois dominantes *dandies* Morny e Cadet-Russe, Octave Feuillet funde-os n'um só, no supremo mr. de Camors. Em litteratura o «retrato» torna-se assim a investidura official da Gloria.

D'aqui logicamente resulta, meu caro Carlos, que «figurar» n'um romance ou n'um drama é a ambição suprema e o prazer ineffavel de todos os glutões de celebridade — sobre tudo d'aquelles que vão sentindo essa celebridade murchar e desfolhar-se como uma corôa que foi feita das rosas frageis d'um dia ... O nosso bom Bulhão Pato saboreia

ha mezes, segundo me affirma Chagas, esse contentamento ineffavel!

Mas para que vem então a Satyra, — a Satyra investindo e rugindo, com os seus alexandrinos mais erriçados que as cerdas bravas d'um javali? ... A Satyra, caro amigo, vem muito habilmente, com o astuto fim de alvoroçar o publico, crear um tumulto de curiosidade, obrigar todos os olhos a volverem-se para o motivo que a provocou, para o « retrato », evidencia de gloria, instinctiva homenagem dáda ao alto poeta.

A Satyra vem, assim estridente e alardeada, para que o publico saiba, creia que houve realmente um retrato, e que tão grande é ainda a situação do poeta na litteratura do seu tempo, tão penetrante a sua influencia no mover das ideias, que um artista se decidiu a prestar-lhe esse preito summo. que a Arte atravez dos seculos tem concedido a todos os illustres desde Socrates o divino, até Morny o mundano.

Ahi está para que veio a Satyra! Mas enquanto ella, deante do publico, ruge com um som de latão, — o estimavel auctor da *Paqueta* banha-se todo elle n'um mar de leite, de myrra, e de rosas.

Foi « retratado! » É pois illustre! Um artista durante novecentas paginas, applicou-se a detalhar-lhe o feitio immortal! A sua gloria faisca em plena braza! ... E os dias de Bulhão Pato agora correm em incomparavel delicia, estirado n'uma cadeira,

lendo, relendo os *Maias*, e sorrindo beatificamente como idolo por entre o incenso.

\*

\* \*

Pois bem! Por mais que me custe perturbar este goso do interessante auctor da Satyra, eu sou, pela iniludível verdade, obrigado a declarar que o meu Thomaz d'Alencar não é a personificação do snr. Bulhão Pato — e que, durante o longo tempo que fui pondo de pé, traço a traço, a figura de Thomaz d'Alencar, nem uma escassa vez me cruzou na memoria a idéa, a imagem, o nome sequer do poeta da *Paqueta* !!

Para retratar um homem, já o disse com a sua costumada profundidade mr. de La Palisse, — é necessario pelo menos conhecê-lo. Conhecer a sua phisionomia exterior e interior — as suas idéas, os seus habitos, os seus gostos, os seus sentimentos, os seus *tics*, os seus interesses, tudo o que diversamente e unicamente constitue um caracter.

Ora conheço por ventura d'este modo intimo e miudo o snr. Bulhão Pato? Não — nem intimamente, nem quasi superficialmente. Quantas vezes, n'estes derradeiros dezesseis ou dezoito annos, nos teremos avistado, atravez das nossas desencontradas e remotas existencias? Cinco ou seis vezes, fugitivamente — na rua, n'algunha sala, a uma meza

de restaurante! Nada sei da sua vida, dos seus costumes, das suas opiniões. Nunca provei da sua cozinha. E accrescentarei mesmo, (já que a defeza me impõe esta confissão dolorosa que me acabrunha) — que quasi não provei ainda da sua melhor poesia! Por circumstancias inexplicaveis, e que me vexam, eu nunca li a *Paqueta*. Nada sei d'elle! Se alguém me pedisse para traçar n'um papel tres ou quatro feições características da phisionomia moral e litteraria d'este poeta, eu ficaria com a penna suspensa no ar, na mais absurda e ignara hesitação.

Como ousaria eu então tentar, durante um longo romance, a pintura d'um vivo de quem não conheço a vida, d'um poeta de quem não conheço a poesia?

A maior razão, porém, para mim mesmo de que, creando o typo de Thomaz d'Alencar, eu nunca pensei em Bulhão Pato — é que pensei sempre n'outro. Thomaz d'Alencar, com effeito, representa alguém que viveu. É um retrato. Um retrato desenvolvido, completado com traços surprehendidos aqui, e além na velha geração romantica.

Eu conheci Thomaz d'Alencar. Conheci-o na provincia, d'onde nunca sahiu, quando elle já tinha o seu longo bigode romantico embranquecido pela idade e amarellecido pelo cigarro, como nos *Maias*. Não era este homem profissionalmente um poeta, — quero dizer nunca fabricara livros de versos para vender a editores. Fazia porém versos, que appareciam n'um jornal de\*\*\*. E era ainda poeta pela sua

maneira especial de entender a vida e o mundo. Desde o primeiro dia em que o tratei senti logo n'elle uma soberba encarnação do lyrismo romântico. E desde logo tive o desejo, a fatal tendencia, de convertel-o n'um personagem. Já, com effeito, este homem perpassa no *Crime do Padre Amaro* — tão rapidamente, porém, que o typo vem todo condensado n'uma só linha. Ninguem hoje se lembra já do *Crime do Padre Amaro*, por isso cito esse episodio. É na praia de Vieira, uma praia de banhos ao pé de Leiria, á hora do banho: — « As senhoras « sentadas em cadeirinhas de pau, de sombrinhas « abertas, olhavam o mar palrando: os homens, de « sapatos brancos, estendidos pelas esteiras, chupavam o cigarro, riscavam emblemas na areia, — « enquanto o poeta *Carlos Alcoforado*, muito fatal, « muito olhado, passeava só, soturno, junto á vaga, « seguido do seu Terra-Nova. » Mais nada.

Não volta mais em todo o livro. Mas n'essa curta linha passa elle real, como era, tão vivo que o revejo agora, magro, com a grenha sobre a golla, fatal e soturno, admirado das mulheres, seguido do seu Terra-Nova. E revejo-o ainda, como n'uma das derradeiras vezes, annos depois, passeando rente d'um muro de cemiterio, ao cahir da tarde, n'uma quieta villa da provincia, mais grisalho, mais soturno, fallando de versos e das tristezas da vida, com o chapéu desabado sobre os olhos, embrulhado n'um chaile-manta cinzento, seguido do seu Terra-Nova.

O meu trabalho nos *Maias* foi transportal-o

para as ruas de Lisboa, accommodal-o ao feitio de Lisboa começando por o desembrulhar do seu chaile-manta, e separal-o do seu cão — porque estes dois attributos não se coadunam com os costumes da capital. Completei-o tambem dando-lhe esse horror litterario do Naturalismo, que Alcoforado nunca tivera — porque n'esses tempos ditosos ainda se não parolava em Portugual ácerca do Naturalismo, nem o nosso bom Chagas conhecia ainda, para d'elle se rir, d'alto para baixo, o epico de *Germinal*.

Em todas as feições fundamentaes, porém, elle permaneceu no romance, exactamente como foi na vida.

Era d'elle a solemnidade do Alencar. D'elle a voz cavernosa e lenta. D'elle o habito (que o ajudou a matar) de atirar ás guellas copinhos de genebra. D'elle o costume d'empregar o invocativo *filhos!* — tão inveterado que este plural vinha mesmo quando se dirigia a uma só pessoa, como se em espirito fallasse a uma descendencia d'espiritos. Eram d'elle, emfim, a lealdade, a honestidade impecavel, a bondade, a generosidade, a alta cortezia de maneiras: — e é bem petulante que alguem tente á força encafuar-se dentro d'estas nobres qualidades, e procure resplandecer perante a multidão com o brilho que ellas irradiam, repetindo assim a fabula sempre grotesca e sempre irritante da gralha que se reveste com as pennas melhores do pavão!

Porque é esta questão das qualidades que faz

a estupenda absurdidade do caso. Por onde se reconheceu o snr. Bulhão Pato no snr. Thomaz d'Alencar? Pelo feitio exterior?... Foi pelos bigodes? Todos em Portugal usamos esse retorcido appendice. Pelas receitas de cosinha? Todos os homens de letras desde Virgilio a Dumas pae, ensinavam a Arte, sem equal. Pela effusão dos gestos? Todos nós n'estas terras expansivas do sul, lançamos os nossos gestos até ás nuvens... Em quaes d'estes traços se reconheceu Bulhão Pato? Pinheiro Chagas, no artigo do «Paiz», affirma que ha em Alencar dois habitos que são a reproducção escandalosa de dois habitos — de Bulhão Pato: — o andar sempre puxando a pera, e sempre recitando maus versos! (textual). Ora succede justamente que Alencar não tem pera, apenas longos bigodes cheios de poesia e tristeza.

E emquanto aos versos é certo que os d'Alencar são maus; — mas Pinheiro Chagas parece-me injusto quando implicita e explicitamente declara que são maus tambem os de Bulhão Pato. Como já confessei, suando de vergonha, nunca desgraçadamente li a *Paqueta*: tenho porém a certeza que ella não é inferior ao «Poema da Mocidade» do severissimo Chagas. N'alguma estrophe de Pato que tem sido meu encanto e privilegio ler — encontrei sempre facilidade, elegancia e doçura. E os traços portanto que Pinheiro Chagas cita, para provar a parecença do poeta vivo e do poeta imaginado são contraproducentes — por que onde Alencar recita

versos maus, Pato recitaria bons versos, e onde Pato tem pera, Alencar só tem queixo!

\*

\*

\*

Tudo isto, caro amigo, é deploravelmente commo, insusceptivel quasi de ser commentado com gravidade. A julgar por estes traços exteriores poderiam considerar-se retratados no Alencar, e vibrarem satyras contra mim, todos os homens que em Portugal tem bigodes, commettem versos, gesticulam largo, e sabem modos de cosinhar o bacalhau — isto é, uma farta metade dos habitantes do reino!

Não! estes traços de superficie communs a todos não individualisam ninguém. O que differença e caracteriza os homens — é o seu modo de ser moral, o conjuncto das qualidades e dos defeitos. Ora Thomaz d'Alencar tem defeitos e qualidades, separados e alternados, que vão desde a carraspana até ao cavalheirismo. Em quaes das virtudes ou dos vicios se reconheceu o poeta da *Paqueta*?

Se foi nas virtudes, então aqui vemos um homem que solemnemente se adianta, cercado dos seus amigos, e exclama para o publico, com a fronte alçada: — «Appareceu ahi um romance em que ha um typo de poeta, que tem lealdade, generosidade, uma honradez perfeita!... Ora com tão esplendidas

qualidades só eu existo, em Portugal. Esse poeta portanto *sou eu!*»

N'este caso, nunca nas edades modernas se teria visto um tão burlesco exemplo de pedantismo e de farofia.

Mas se o snr. Bulhão Pato se reconheceu nos defeitos, então aqui temos um homem que em meio dos seus amigos, se acerca do publico e declara com serenidade — « Appareceu ahi um romance em que ha um poeta que é um mediocre, um palrador, um farfante e um piteireiro. Ora com tão pifias qualidades só eu existo em Portugal. Esse poeta, portanto, *sou eu!*»

N'este caso nunca no mundo se teria visto um tão doloroso exemplo de rebaixamento e de aviltamento proprio.

Páro, pelo respeito que devo ao poeta. Mas quantas crueis e esmagadoras conclusões, uma penna mais habil e maligna do que a minha poderia saccar d'esse paralelo a que o auctor da *Paqueta* tão gratuitamente se offereceu e em que se comprazeu tão levianamente!

Páro tambem para não tomar mais tempo ao *Tempo*. Foi necessaria, porem, esta prolongada e miuda explicação para mostrar que nada ha de commum entre Thomaz d'Alencar e o snr. Bulhão Pato, alem d'aquelles traços litterarios pelos quaes um poeta romantico é sempre parecido com outro poeta romantico. Foi egualmente necessaria para mostrar que só uma indiscreta illusão e um zelo ex-

cessivo pela gloria propria poderam levar o auctor da *Paqueta* a introduzir-se, com tanto ruido e tanta publicidade, dentro do auctor da *Flor de Martyrio*. E visto que nada agora pode justificar a permanencia do snr. Bulhão Pato no interior do snr. Thomaz d'Alencar, causando-lhe manifesto desconforto e empanturramento, — o meu intuito final com esta carta é appellar para a conhecida cortezia do auctor da *Satyra*, e rogar-lhe o obsequio extremo de se retirar de dentro do meu personagem.

\*

\*       \*

Em quanto á *Satyra*, não tenho a occupar-me d'ella, mercê de Deus! Nunca a li. Naturalmente nunca a lerei. Pinheiro Chagas affirma que ella é *directa e cruellissima*: da sua vernaculidade e concordancia com as regras da poetica é-me garantia a alta situação academica do Satyrista: fica-me pois a grata certeza que fui por Bulhão Pato tratado de infame, segundo todos os preceitos d'Horacio! Isto me basta: — e como homem e como escriptor plenamente me satisfaz.

Eis o que eu tinha a dizer sobre este incidente filho miserrimo da illusão e da vaidade. E tendo-o hoje esgotado tão largamente que receio que esta carta não caiba no *Tempo*, nem no espaço, — não haverá *Satyra* nem *Elegia*, nem protestos, nem quei-

xumes que me levem a dedicar-lhe de novo uma só linha ou honral-o com um só pensamento.

Paris, janeiro.

*Eça de Queiroz.*

## DUAS PALAVRAS

---

« Ora conheço eu porventura d'este modo intimo e miudo o sr. Bulhão Pato? Não — nem intimamente, nem quasi superficialmente ».

Paris, janeiro, 1889.

(assignado) Eça de Queiroz.

(Carta ao sr. Carlos Lobo d'Avila).

Dedicatoria, que tenho aqui presente, do *Mysterio da estrada de Cintra* :

« Ao nosso querido e dedicado amigo Bulhão Pato  
offerecem

Lisboa, 1871.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz ».

Ha 18 annos eu era para o sr. Eça de Queiroz um *querido e dedicado amigo*. Agora não me pôde retratar, porque me não conhece *nem quasi superficialmente!*

---

«... nada ha de commum entre Thomaz d'Alencar e o sr. Bullhão Pato, além d'aquelles traços litterarios pelos quaes um poeta romantico é sempre parecido com outro poeta romantico».

Paris, janeiro, 1889.

(assignado) Eça de Queiroz.

(Carta ao sr. Carlos Lobo d'Avila).

Nada ha de commum entre Lazaro Consul e o sr. Eça de Queiroz, além d'aquelles traços litterarios pelos quaes um escriptor *realista* é sempre parecido com outro escriptor *realista*.

Lisboa, fevereiro 10, 1889.

Bullhão Pato.

## LAZARO CONSUL

---

Burguez enfidalgado, ás armas femininas  
Reune o teu braço, trapeiro das sentinas!  
Mas não... Conspurcador do nome portuguez,  
Deixa ao velho braço a pulchra nitidez!  
Praza a Deus que na prol se extreme o sangue puro  
Da vileza do teu, por honra do futuro!

\*

\* \*

Outro assumpto. Que tal! Botaste mais estudos,  
Braço triumphador da raça dos pencudos!  
Chantaram-te em Paris... Mas tacto co'a mudança,  
Lovelace a bailar, que é viva aquella dança!

\*

\* \*

Pregaste, no romance, aos pobres dos leitores  
 Um calote real, e dois aos editores!  
 Affirma-se ainda mais!... Mas a calúnia lavra..  
 E, emfim, se alguém gemeu, não diz uma palavra!

\*

\* \*

Consul magno e bulrão, réplicas, prenda rara,  
 Uns seis mezes depois de eu te cuspir na cara!  
 Na réplica resumbrá a exangue timidez.  
 Engeitado do brio, engeitas a honradez!

Qualquer homem capaz diria — vê se entendes:—  
 «Fui eu que te insultei. E então?... O que pretendes?»  
 Mas isso não se casa ao teu temperamento:  
 Dar mostras de viril foi sempre o teu tormento!

\*

\* \*

Andaste, e muita vez! com gentes noctivágas,  
 Lendo a caricatura até ás... Venus-vagas!  
 Lêste agora também, por avançadas horas,  
 Em folgazão convívio, a carta ás peccadoras?!

Affirmas na missiva, e com baixeza immunda,  
 Que me votas respeito. Ah! sim... depois da tunda!

\*

\* . \*

Nunca lêste a *Paqueta*. E dizes-m'ó, tyranno!...  
 Pois leu-a e prefaciou-a Alexandre Herculano.  
 Mas esta circumstancia em pouco me attenua  
 O esmagador desdem da Omnipotencia tua!

Duas obras fez Deus. Primeiro, o Pae Adão;  
 E depois logo a ti, famoso charlatão!

\*

\* \*

Flaubert, Daudet, Zolá, resplendem no francez:  
 Tu, raso imitador, babas o portuguez!  
 Que insano labutar! Oh! que suados dias,  
 Desgastas giganteu, em tuas obras... pias!  
 Não o lavor do genio, alegre, bom, sadio,  
 Que dá fructos a flux, como o pomar no estio!

\*

\* \*

Eu satyriso, sim; mas é quando me offendem:  
 E só em casos taes as satyras se entendem.  
 A satyra inspirou-a a perversão dos vís,  
 Como inspiram o idyllio as graças feminís!

Jamais te provoquei. Pelo contrario, um dia,  
Dei-te com' o meu voto accesso á Academia.  
Tu pagaste-lhe bem! Das terras do estrangeiro,  
Insultaste-a em maltez, viscoso zombeteiro!

Tem sombras de vampiro, o dogue escanifrado;  
Enfiado, acurvado, uivando, e derramado!

\*

\* \*

Séria, n'esta nação, mulher não ha nenhuma!  
Homem? algum cretino! E com talento, em summa,  
Nem mesmo amigos seus! Só elle é que figura  
Na tela genial! E não borra a pintura!

\*

\* \*

Tudo é mesquinho e vil no meu torrão natal!  
Assim o dizes tu, consul de Portugal!  
Pois eu tenho por ti — sagrado chão paterno —  
Tudo quanto no amor ha mais puro e mais terno!

Por ti, meu coração palpita agora vivo!  
Por ti palpitará, na morte, redivivo!

A sciencia moderna abre um grande canal;  
Mas fórra, a juro bom, trabalho e capital!

Ao mundo abrimos nós tantos caminhos novos,  
Sem pedirmos depois nem um real aos povos!

Tens tudo para mim, minha adorada terra,  
Até o cyprestal, que minha mãe encerra!

\*  
\*   \*  
\*   \*

Ó Lazaro, fareja as podridões da vida,  
Como fareja a hyena a carne corrompida!  
Não dás ao teu paiz nada affectivo e sancto;  
Nem um sorriso ao berço, e nem á cova um pranto!

\*  
\*   \*  
\*   \*

Alguem, raro exemplar da graça e da bondade,  
Franqueou-te a sua casa, a flôr da sociedade!  
Tu chegastê encolhido... emfim, com o teu ar  
Tudo que ha mais chué, e menos consular.

Ella, uma alta senhora, ao ver-te confundido,  
Offertou-te o seu braço, e fez-te conhecido.  
Tinhas fôro da côrte, entrando aquella porta!

Ella morreu! E tu... mordeste a pobre morta!

E a Castello-Melhor, bravo, elegante, altivo,  
Pintastel-o alquilé! Ai! se elle fosse vivo!...

Que sangue d'escorpião gira por essas veias,  
 Procac embréador de charras odysseias!

\*  
 \* \*

Bateste-me na cara, — o que não faz ninguém —  
 Co'a modestia do traje, e da casa também!  
 No fortum da relé ha nada mais protervo,  
 Do que este consular, rasteiro como um servo?!

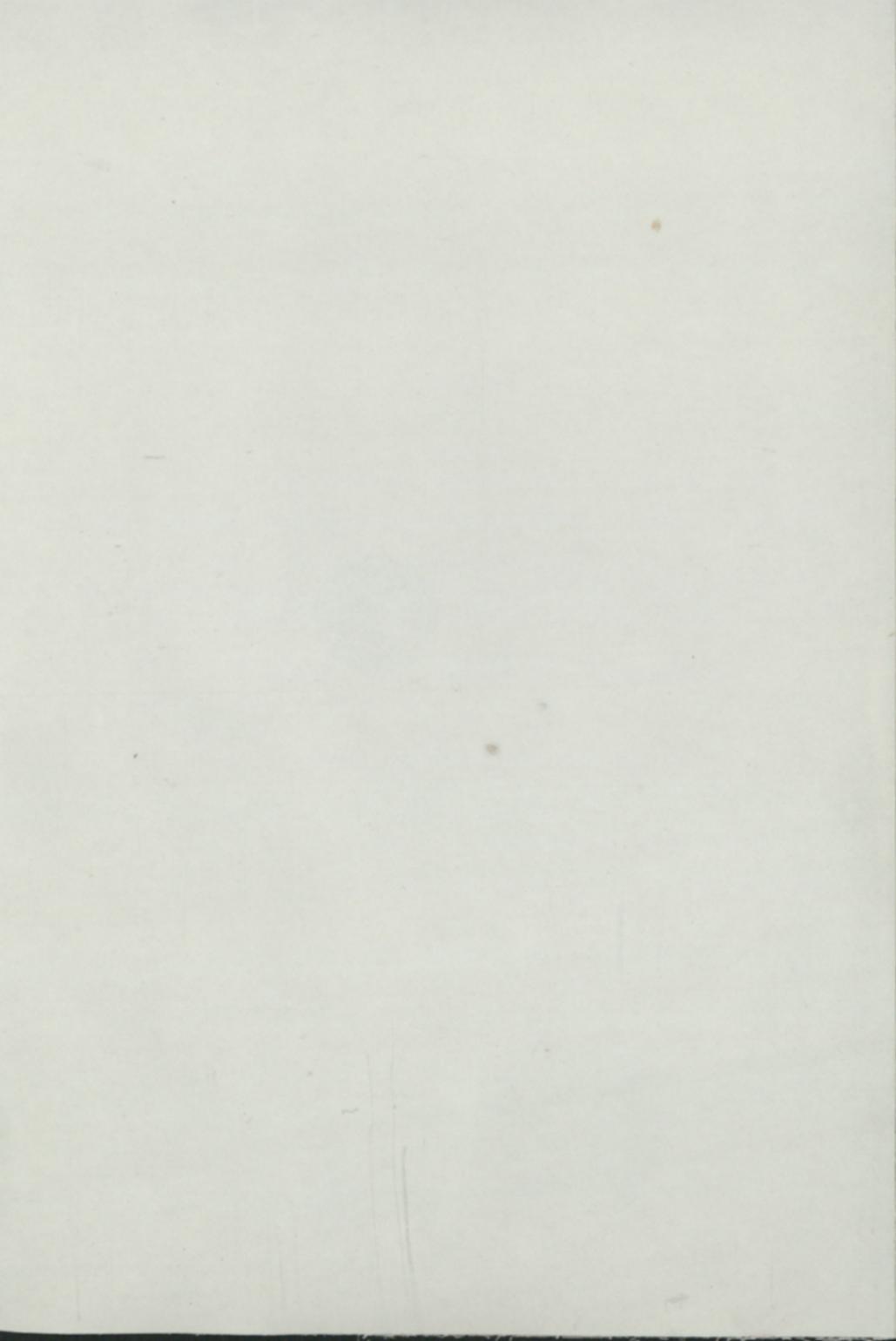
\*  
 \* \*

Pois bem. Volto sereno á parca habitação,  
 Onde ha o que não tens, mendigo — o coração!  
 E, vendo-me chegado ao declinar da tarde,  
 Tu, na força da vida, insulta-me, covarde!

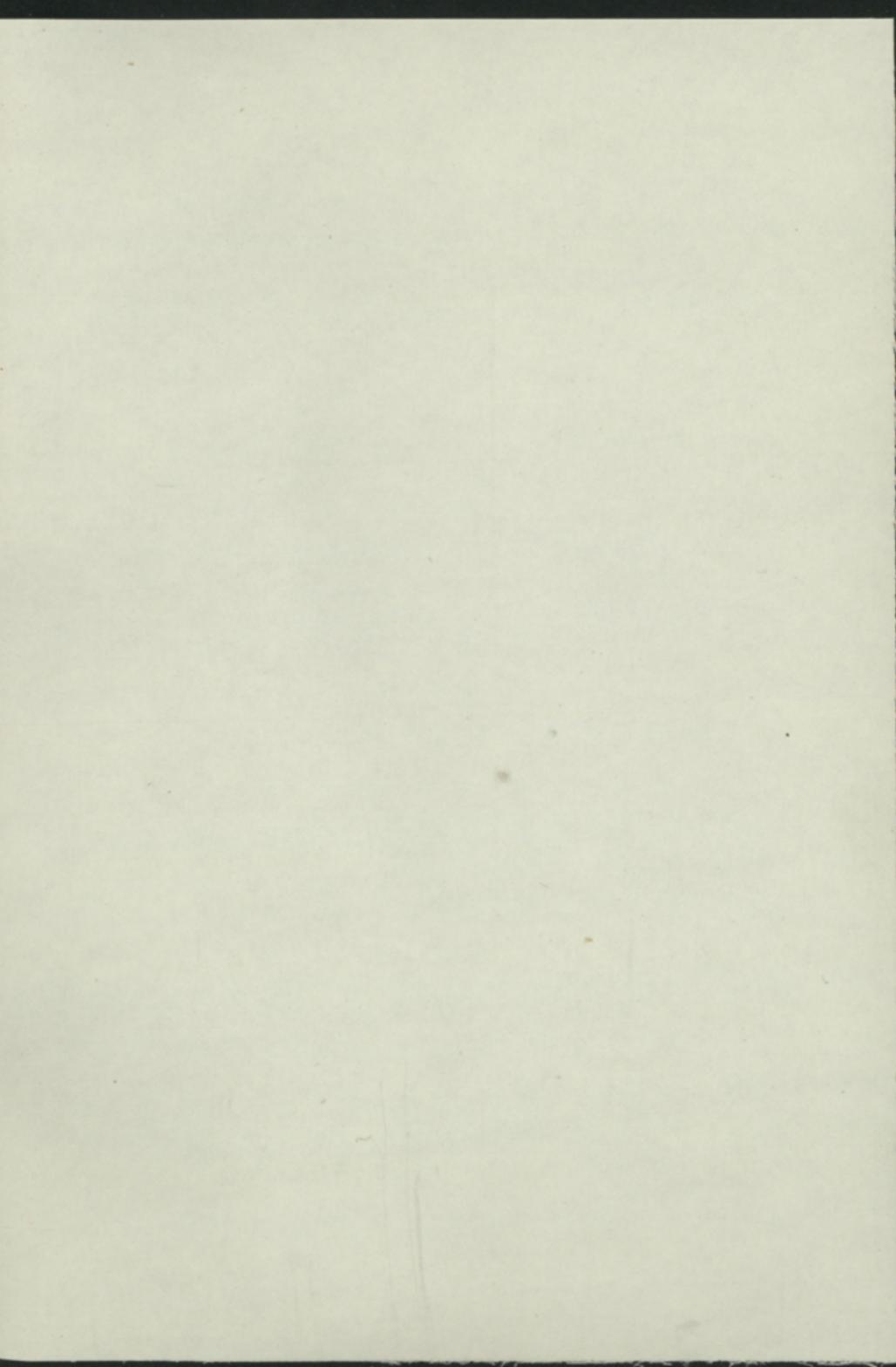
Lisboa, fevereiro 10, 1889.

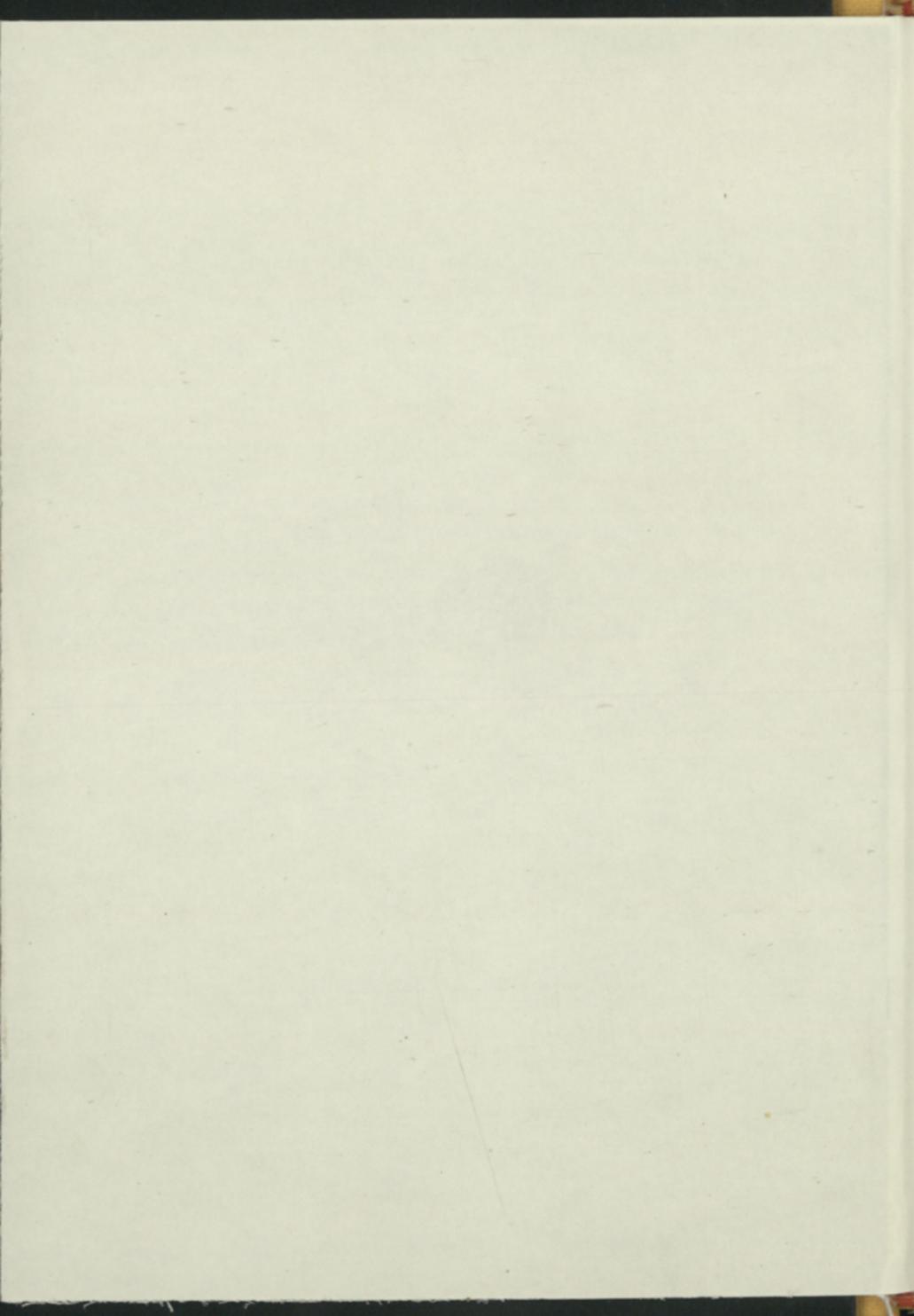
*Bulhão Pato.*

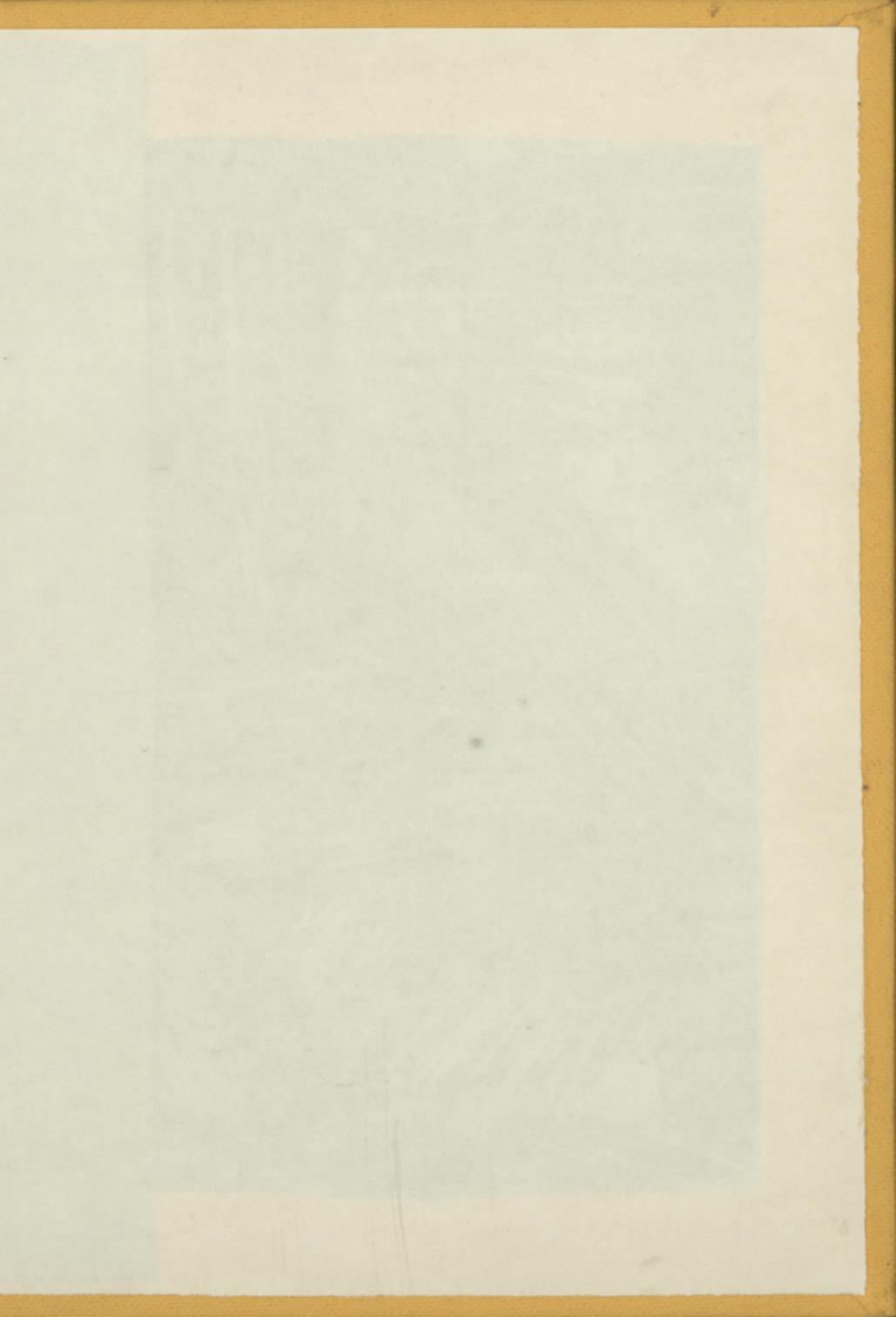












NB



\*EFG0000059858\*

